

JULIETA, A REBELDE!

A Psicologia, a ciência do comportamento, criou um apelido para 'rebeldia', a truculência dos 16 anos de idade da moçada e passou a chamá-la de 'Adolescência'.

A sociedade gostou e o apelido Adolescência foi aceito, transformou-se em adjetivo qualificativo de um Eu que não aceita imposição dos Costumes, da amontoada velharia dos baús dos avós.

A Julieta foi símbolo da resistência a tradição italiapolitana. Filha do velho Cel. Francisco Porto, um fazedor de heróicas histórias, a menina trouxe pra cá a beleza e a birra de sua avó Francisca.

A Julieta, a Rebelde, uma portuguesinha nascida em Italiápolis, portava um diferenciado tipo de beleza. Enquanto, na época, as adolescentes oriundas traziam as marcas da raça italiana, peitos grandes e pernas grossas, a birrenta era esbelta e graciosa. A rapaziada lambia os beiços.

Segundo o próprio Coronel, um portador do estigma da colonização portuguesa do vir, extrair e voltar, nessa altura vivendo os seus últimos anos no Litoral Paulista,

governar Italiápolis, com os seus tiroteios e a zanga cabocla, teria sido mais fácil que enfrentar a filha Julieta.

Para ficarmos com um só exemplo, não havendo por aqui as tais calças jeans, ainda que já existissem em 1.860 na América do Norte, a nossa Rebelde as usou em linho ou brim, um escândalo! Pelas ruas da cidade, se nua, não chamaria tanta atenção.

Os costumes mudam lentamente como a Preguiça, mamífero desdentado, depósito de carrapatos. Para que você possa avaliar, somente na década de 60 permitiu-se a professora lecionar de calças. Entrar na Igreja, nem pensar! O que os Costumes Santificantes poderiam dizer?

As senhoras vestiam-se discretamente e adicionavam um filó por sobre a cabeça como se um Véu de Ombros para assistirem os rituais da Santa Missa. O preto e o branco diferenciavam as casadas das solteiras.

Imagine as dificuldades que a nossa adolescente enfrentou. A guerra contra os costumes foi e será sempre uma violência, contudo há certos valores sociais que precisam ser quebrados e o são. Seria extremamente monótono viver-se os mesmos princípios e padrões.

Com 16 anos de idade, a Julieta intimou o pai --- quero um automóvel.

A jovem sabia ser impertinente e a celebridade do pai, para não dizer autoridade, iria cair por terra. Infernizou, inteligentemente 'apelou', ameaçou ir para um convento, fugir com um pé-rapado, armar um escândalo, não ir a escola e num golpe fatal, não se formar professora

Julieta ganhou, não apenas a guerra, mas também uma 'baratinha' Ford, na cor vermelha, bancos de couro, um chique e estrondoso presente. Restou um grande problema, aprender a dirigir o veloz automóvel importado.

As ruas de Italiápolis, todas em terra guardam ainda hoje uma característica que lembra o passado, meios-fios altos apropriados ao tráfego de veículos de tração animal.

Para se descer do trole, de uma charrete ou mesmo da carroça, as calçadas altas são adequadas e bem mais funcionais.

Donde buscar o instrutor para a Julieta? Alguém com didática especial no ensino de como dirigir o veículo com motor de explosão! Alguém discreto, um pudoroso que pudesse ouvir, sentir e se agüentar.

A Julieta, a Rebelde lançou o desafio dentro da Agencia Ford do Trevisan, por sinal uma das maiores da região e a coisa virou manchete na cidade.

A "baratinha vermelha" ficou alguns dias na loja. Os jovens pretendentes diariamente passavam por lá e alguns se submetiam a testes de "como ensinar dirigir sem tocar na aluna". Reprovação em massa.

A própria Julieta por seu íntimo e liberalidade escolheu o seu professor, um educado e bom malandro, um rustido sóbrio, bem vivido, um bom conhecedor de camas, não apenas das profissionais como de algumas damas da nossa Sociedade.

A menina nasceu com faro fino. A escolha não poderia ter sido melhor.

A Julieta levantava poeira pelas ruas da cidade, provocando os rapazes e matando as suas rivais de ciúmes. O seu instrutor, o Sr. Nelson Januário, que de Nelson passou a "Nelsinho", o Confidente, acabou se transformando no primeiro motorista particular de Italiápolis.

Com toda a rebeldia da Julieta o Mundo não acabou, pelo contrário, mudou para melhor, mais alegre, mais colorido. Foi uma rara Professora de Costumes, uma adolescente intocável, 'mulher difícil' que soube infundir o respeito.

Alfabetizou crianças, casou-se, foi família e teve filhos, embora não tão rebeldes. A Julieta Porto, sem dúvida, nasceu professora e soube, desde cedo, transmitir valores espirituais às gerações, ajudando o pai a colonizar este pedaço de chão.